

O Candeeiro

Projeto
Piloto

Resgate e valorização no trabalho do grupo Flor do Croá

Pindoguaba, comunidade de fácil acesso situada em uma região de carrasco, a 18 quilômetros de Tianguá-CE, tem na sua história a luta pela sobrevivência, o trabalho difícil do extrativismo e a agricultura de subsistência. Quando os pais de dona Maria Salvina, de 59 anos, buscavam seu sustento com a Imbira, na época os únicos produtos feitos eram cabresto, peá, chicote, corda e arreio. Tudo era vendido na feira local.

Maria Salvina lembra que “todo o trabalho realizado no período do verão era muito sofrido e desvalorizado”. Ela foi buscar Imbira pela última vez pouco tempo antes de se casar, há 30 anos. Só agora ela voltou a trabalhar com a planta, com a formação de um grupo trabalho.

Em abril de 2007, começaram as primeiras reuniões, palestras e rodas de conversas. Era o início do grupo Flor do Croá, que surgiu graças ao apoio fundamental da associação comunitária e ao incentivo da Prefeitura, através das secretarias de Ação Social e da Cultura, que iniciou a conversa sobre o trabalho com artesanato regional. O grupo, formado por 8 mulheres e 2 homens, está dando o que falar.

A partir das peças produzidas, vem ganhando reconhecimento das instituições parceiras e visibilidade na comunidade e na região. O SEBRAE ofereceu o primeiro curso e tem colaborado através de novos desenhos para as peças, formação e incentivo à participação em feiras e exposições.



A fibra do Croá é trançada em cordas artesanais



Com o aprendizado no uso do Croá vem a habilidade

“Iniciamos sem nenhuma ajuda financeira. A gente vendia as peças e só dava para comprar o material para confeccionar as novas peças. O grupo foi compreensível e passamos cinco meses sem receber dinheiro”. Regiane, sócia e coordenadora financeira do grupo, recorda que uma boa ajuda veio da associação comunitária, que contribuiu com a merenda.

Para conseguir a fibra do croá, o grupo vai duas vezes por semana pegar as folhas em uma localidade de Barriguda, a 12 quilômetros do distrito de Pindoguaba. Além da distância tem a dificuldade da própria coleta das folhas, sendo

necessário o uso de equipamentos de proteção devido aos espinhos. O deslocamento é feito por transporte fretado, o que também gera custos para o grupo e para a associação que contribui com algumas despesas, além de ceder o galpão para o trabalho.

No local, são retirados os espinhos e a casca e depois a planta é batida para que a fibra fique macia. Após lavar, a fibra é secada por dois dias e depois está pronta para a confecção das cordas que serão usadas nas peças.

A coleta das folhas do Croá é feita através de corte rente ao chão, com o cuidado de preservar as raízes da planta para que brote novamente. Tudo é resultado de um processo de aprendizado das mais jovens, como Carminha, que na primeira vez que foi colher ainda nem conhecia direito a planta. “No lugar de levar a Imbira, levei um pé de Macambira”.

Apesar do resgate e da valorização da atividade, o grupo se depara com desafios a serem enfrentados. A terra onde se encontra a maior parte do Croá é solta, ou terra de posse da comunidade, mas não tem documento. Hoje já são cobiçadas por grileiros e oportunistas. Existem áreas onde o Croá já está sendo vigiado pelos proprietários.

Além da geração de trabalho e renda para as pessoas da comunidade, existem outras metas como o processo de independência financeira das mulheres e a elevação da auto-estima. Segundo as mulheres do grupo, a expectativa é aumentar a renda e não depender mais dos maridos. Carminha afirma que “mesmo com todas as dificuldades a gente se sente feliz e útil, com a responsabilidade de cumprir com as encomendas”.

A comercialização das peças produzidas é feita pela Bodega do Povo, pelo Centro de Artesanato do Estado (em Fortaleza-CE), em feiras, exposições e na própria comunidade, através de encomendas. O apoio da Bodega foi importante para o grupo, que obteve recursos através do projeto Noruega para a compra de materiais para confeccionar novas peças. A consciência do grupo é sentida através da fala de Carminha: “quando alguém compra uma peça, não está levando só um produto, mais uma história”.

Com o crescimento das encomendas foram incluídas mais pessoas da comunidade através de atividades de formação. Com orgulho, Rejane fala que “redescobrimos na fibra de Croá uma fonte de renda, organização e conhecimento. Temos livro de registro com toda movimentação, o que entra e o que sai. Sou muito segura e anoto tudo e a cada final de mês prestamos contas”.

O grupo sabe que para continuar crescendo e conseguir novos apoios é preciso preservar a natureza, não queimar, não desmatar, não poluir, ter preço justo para quem compra e também um pagamento justo para quem produz. Uma boa oportunidade de sustentabilidade está surgindo com a aprovação do projeto sobre Comércio Justo, no valor de R\$ 144 mil. Será um trabalho de formação e projeção do grupo no mercado nacional e internacional. “Somos perseverantes e unidas. É a nossa maior riqueza”.



Produtos são vendidos em vários pontos do Estado